



A Literatura Amazônica como Ferramenta de Ensino no Fundamental I: Promovendo Identidade e Cultura Regional

Amazon Literature as a Teaching Tool in Elementary School: Promoting Regional Identity and Culture

Kleyton Coelho Castro

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). <http://lattes.cnpq.br/4141510533413627>

Eliane Ricarte Rodrigues

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). <http://lattes.cnpq.br/6456595357876608>

Poliane Carvalho Castro

Universidade Federal de Rondônia (UNIR). <http://lattes.cnpq.br/9470302883514451>

Paulo Rogério Melo de Oliveira

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). <http://lattes.cnpq.br/6749870261107411>

Resumo: O estudo aborda o papel da literatura amazônica como instrumento pedagógico no Ensino Fundamental I, com o objetivo de analisar como sua inserção no contexto escolar contribui para a formação crítica, o fortalecimento da identidade cultural e a valorização dos saberes regionais. Fundamentado em uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e analítico, o estudo dialoga com autores como Antonio Candido, Regina Zilberman, Rildo Cosson, Paulo Freire e Magda Soares, relacionando suas concepções sobre letramento literário, fruição estética e educação dialógica à realidade amazônica. A pesquisa evidencia que a literatura, compreendida como direito humano e experiência estética, ultrapassa a função instrumental da alfabetização e assume um papel essencial na constituição de leitores críticos e sensíveis. Verifica-se que a literatura amazônica, ao retratar a natureza, as tradições orais, os mitos e os modos de vida locais, possibilita às crianças reconhecerem-se em suas próprias narrativas, desenvolvendo senso de pertencimento e respeito à diversidade. Os resultados apontam que a inclusão sistemática dessa literatura nos currículos escolares promove aprendizagens contextualizadas, fomenta o diálogo entre saberes tradicionais e conhecimento científico e contribui para a democratização do acesso à arte e à cultura. Conclui-se que o trabalho pedagógico com a literatura amazônica contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, fortalecendo vínculos identitários e culturais e reafirmando a escola como espaço de humanização, valorização da diversidade e emancipação social.

Palavras-chave: literatura regional; ensino básico; identidade cultural; letramento literário; formação do leitor.

Abstract: This study addresses the role of Amazonian literature as a pedagogical tool in elementary school, analyzing how its inclusion in the school context contributes to critical development, the strengthening of cultural identity, and the appreciation of regional knowledge. Based on a qualitative bibliographic and analytical approach, the study engages with authors such as Antonio Candido, Regina Zilberman, Rildo Cosson, Paulo Freire, and Magda Soares, connecting their conceptions of literary literacy, aesthetic enjoyment, and dialogical education to the Amazonian reality. The research demonstrates that literature, understood as a human right and aesthetic experience, goes beyond the instrumental function of literacy and plays an essential role in developing critical and sensitive readers. It is found that Amazonian

literature, by portraying nature, oral traditions, myths, and local ways of life, enables children to recognize themselves in their own narratives, developing a sense of belonging and respect for diversity. The results indicate that the systematic inclusion of this literature in school curricula promotes contextualized learning, fosters dialogue between traditional and scientific knowledge, and contributes to the democratization of access to art and culture. The conclusion is that pedagogical work with Amazonian literature contributes to the integral development of students, strengthening identity and cultural bonds and reaffirming the school as a space for humanization, appreciation of diversity, and social emancipation.

Keywords: regional literature; basic education; cultural identity; literary literacy; reader training.

INTRODUÇÃO

A literatura, no contexto do Ensino Fundamental I, constitui-se como um dos pilares para a formação integral dos sujeitos, sendo compreendida não apenas como recurso auxiliar da alfabetização, mas como linguagem artística e experiência estética fundamental para a constituição do leitor. Conforme destaca a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a literatura deve ser trabalhada de forma sistemática, favorecendo tanto o contato com diferentes gêneros literários quanto a formação de uma postura crítica e sensível diante do texto. A nona competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental que consta na BNCC (2017, p. 87) diz:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Essa perspectiva converge com Zilberman (2012, p. 16), que defende o papel da literatura na escola como espaço de formação cultural e subjetiva, indo além de seu uso instrumental. Na seção intitulada “A formação do leitor”, a autora argumenta que tanto a literatura quanto a escola compartilham uma natureza formativa, destaca que a literatura deve ser valorizada pela sua qualidade estética e por sua capacidade de ampliar os horizontes cognitivos do leitor. A professora critica o uso da literatura “com o intuito unicamente pedagógico” e propõe que o texto literário seja explorado como um meio de conhecimento do mundo e do ser, promovendo a emancipação pessoal e “reintroduzindo o estudante no presente e fazendo que ele exerça um papel ativo no processo de transferência”.

Nesse sentido, a escola é importante para que haja democratização do acesso à literatura, visto que, muitas vezes, é nesse espaço que as crianças têm a primeira oportunidade de estabelecer contato com obras literárias diversificadas. Antonio Candido (1995, p. 180) ressalta que a literatura é um direito humano, na medida em que possibilita ao indivíduo compreender a si mesmo, ao outro e ao mundo, mobilizando tanto a razão quanto a sensibilidade, assim o literato escreve que a

literatura “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ao reconhecer a infância como fase peculiar do desenvolvimento humano, a literatura escolar deve contemplar práticas que respeitem a especificidade do imaginário infantil, criando condições para que o estudante frua a obra literária e, ao mesmo tempo, elabore sentidos sobre sua realidade.

Os referenciais curriculares apontam, portanto, para a necessidade de um trabalho que articule fruição estética e reflexão crítica, valorizando a diversidade cultural. Nesse aspecto, a BNCC (2017, p. 524) orienta que o Ensino Fundamental I assegure às crianças o contato com narrativas de diferentes tradições — indígenas, afro-brasileiras, amazônicas e clássicas —, de modo a ampliar repertórios e promover a valorização das múltiplas vozes que constituem a cultura brasileira, assim “possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil”. A esse respeito, Regina Zilberman (2012) enfatiza que a literatura infantil, ao ingressar na escola, não deve perder seu caráter artístico e imaginativo, mas sim ser apresentada como experiência de leitura significativa, capaz de formar leitores autônomos e críticos.

Além disso, ao tratar da noção de letramento literário, Rildo Cosson (2006) O autor defende que a escola deve garantir práticas de leitura que possibilitem à criança compreender a literatura como produção cultural dotada de sentidos múltiplos, e não apenas como ilustração de conteúdos, principalmente no capítulo “A literatura escolarizada”. Ele critica a abordagem tradicional que reduz a literatura a um apêndice da disciplina de Língua Portuguesa ou a uma sequência enfadonha de autores e estilos de época. O autor argumenta que a literatura deve ser ensinada como uma experiência de leitura compartilhada, que vá além da mera reprodução de informações ou da fruição simples, promovendo o letramento literário como prática social e cultural, diz que a literatura serve “para formar culturalmente o indivíduo” (2006, p. 20).

Portanto, a literatura, no Ensino Fundamental I, deve ser compreendida como um direito e como um processo formador que ultrapassa a instrumentalização da leitura. Magda Soares em seu livro “Letramento: um tema em três gêneros”, critica essa instrumentalização da leitura e argumenta que as práticas de leitura precisam ser contextualizadas socialmente, e não apenas usadas de forma instrumental para cumprir tarefas escolares, e está presente na seção “Avaliação e Medição do Letramento em Contextos Escolares”. O texto destaca que o conceito de “letramento escolar” frequentemente reduz o fenômeno do letramento a habilidades descontextualizadas, validando-as apenas por meio de desempenho em testes (2009, p. 93-94). Ao ser trabalhada a partir dos referenciais curriculares, ela contribui para a constituição de sujeitos sensíveis, críticos e participativos, capazes de dialogar com diferentes tradições culturais e de ampliar seus horizontes de compreensão do mundo.

A literatura amazônica, no contexto educacional, especialmente no Ensino Fundamental I, proporciona um vínculo entre os estudantes e a cultura local e regional. Por meio das narrativas, lendas, contos e poesias que retratam a

Amazônia e os cenários, é possível observar o reconhecimento da identidade local e valorizar os saberes tradicionais, o que fortalece o sentimento de pertencimento e a consciência cultural dos estudantes. Além disso, inserir a literatura no contexto amazônico na escola contribui para aprendizagens que conectam os conteúdos escolares à realidade vivida pelos alunos. A escola é um ambiente propício para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, sendo assim, Libâneo (2004, p. 5) acrescenta:

Com efeito, as crianças e jovens vão à escola para aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo. Para isso, é necessário pensar – estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar. A didática tem o compromisso com a busca da qualidade cognitiva das aprendizagens, esta, por sua vez, associada à aprendizagem do pensar. Cabe-lhe investigar como ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos pensantes e críticos, capazes de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, diante de dilemas e problemas da vida prática.

Considerando isso, é importante que entendamos de que maneira a literatura amazônica pode ser integrada ao Ensino Fundamental I com o intuito de promover uma valorização cultural e o desenvolvimento crítico dos estudantes do ensino fundamental. Esse questionamento direciona o olhar sobre como a literatura pode ser considerada um aparato pedagógico com vistas a formação dos alunos, tanto no aspecto linguístico como também no desenvolvimento de uma consciência crítica sobre sua própria cultura e meio ambiente. Porém, para que isso aconteça, é necessário que a literatura seja tratada para além de uma abordagem conteudista conforme defende Cosson (2006).

A importância de trabalhar a literatura amazônica no Ensino Fundamental I reside no fato de que muitas crianças, apesar de viverem nessa região, têm pouco contato com produções literárias que retratem sua identidade e cotidiano, ou não conhecem o lugar onde vivem. Ao utilizar textos que abordam a Amazônia nos mais diversos aspectos e as tradições do Norte do Brasil, o ensino torna-se contextualizado e envolvente o aluno em diferentes práticas, e, portanto, significativo permitindo que os alunos desenvolvam habilidades não só de conteúdo, mas relacionados à vida.

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel da literatura amazônica como um meio de ensino no Ensino Fundamental I, demonstrando como sua aplicação pode promover a valorização cultural e fortalecer a identidade regional dos alunos e o desenvolvimento crítico. Para isso, pretende-se, em diálogo com obras já publicadas, discutir a relevância da literatura amazônica no desenvolvimento da formação crítica dos estudantes, investigar estratégias didáticas que podem favorecer o ensino da literatura para além da abordagem conteudista, e refletir sobre os impactos dessa abordagem na formação integral dos estudantes do ensino fundamental I.

A LITERATURA AMAZÔNICA: EXPRESSÃO E IDENTIDADE REGIONAL

A literatura amazônica constitui um vasto e complexo campo de produção literária que se ancora nas especificidades geográficas, históricas, culturais e sociais da região amazônica. Como disse Nascimento (2012, p. 144) a literatura amazônica:

Tem se debruçado sobre as narrativas orais de caráter popular, a narrativa indígena, o caráter social dessa ficção que expõe a exploração no mundo do trabalho e a mundividência no interior da floresta, na qual os homens são encenados como produtos do meio e dotados de um conjunto de regras muito próprias.

Ao abordarmos esse conceito, é importante destacar que não nos propomos a discutir a relação entre regionalismo e universalismo na literatura, mas sim a delimitar um conjunto de produções que tematizam a região amazônica em suas diversas dimensões. O termo “literatura amazônica” refere-se a um corpus literário que se ocupa de questões pertinentes à Amazônia, seja por meio de narrativas ficcionais, poesias ou textos de caráter documental. Embora essa literatura possa ser escrita por autores nascidos ou não na região, o critério fundamental para sua caracterização é a abordagem de temáticas diretamente ligadas às realidades amazônicas. Essas realidades incluem aspectos como a relação entre o homem e a floresta, os impactos da exploração econômica, as tradições culturais dos povos originários e ribeirinhos, bem como os desafios sociais e ambientais enfrentados pela população local.

Dentre os temas mais recorrentes na literatura amazônica, destacam-se a relação com a natureza, a mitologia e oralidade, a exploração econômica e conflitos sociais, além das questões de identidade e pertencimento. Muitos textos literários ambientados na Amazônia exploram a interdependência entre os seres humanos e o meio natural, representando a floresta não apenas como um espaço físico, mas também como um elemento simbólico carregado de significados culturais e espirituais. A presença de narrativas tradicionais, lendas e mitos reflete a riqueza da cultura oral dos povos indígenas e das comunidades ribeirinhas. A literatura da região frequentemente aborda a exploração de recursos naturais e suas consequências para as populações locais, denunciando injustiças e revelando as tensões entre progresso econômico e sustentabilidade ambiental. Os textos também exploram questões identitárias, retratando o modo de vida, as crenças e os desafios enfrentados pelos habitantes da Amazônia em um mundo em constante transformação. Afrânio Coutinho (1976, p. 71) disse “a literatura surge sempre onde há um povo que vive e sente”.

Diversos escritores têm se dedicado à representação literária da Amazônia, contribuindo para a construção de um imaginário que traduz as complexas relações entre natureza, cultura e identidade regional. Márcio Souza, em obras como *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Mad Maria*, explora com ironia e criticidade os processos históricos e as contradições sociais da região, revelando as marcas

do colonialismo e da exploração econômica. Neide Gondim (1994), por sua vez, em *A invenção da Amazônia*, problematiza o modo como a região foi narrada e construída simbolicamente pela literatura e pelo discurso ocidental, desvelando os estereótipos e mitificações que a cercam. Já Milton Hatoum, em romances como *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000), propõe uma escrita de caráter memorialístico e identitário, na qual a Amazônia emerge como espaço de conflitos, pertencimentos e deslocamentos. Esses autores, ao abordarem a região sob diferentes perspectivas estéticas e críticas, contribuem para consolidar uma literatura amazônica plural, que reflete as tensões entre tradição e modernidade, centro e periferia, memória e esquecimento.

A literatura amazônica enfrenta desafios relacionados à sua difusão e reconhecimento no circuito literário nacional e internacional. A escassa publicação de autores regionais em grandes editoras, a dificuldade de distribuição de livros para outras partes do Brasil e a falta de uma maior inserção dessa literatura nos currículos escolares são obstáculos que limitam seu alcance. No entanto, com o avanço das tecnologias digitais e o fortalecimento de movimentos culturais locais, novas perspectivas têm surgido para ampliar a visibilidade da produção literária amazônica, as universidades federais têm contribuído para a valorização de autores locais que registram em suas obras literárias a cultura local fortalecendo a identidade na região amazônica.

A literatura amazônica coopera na construção de uma identidade cultural para a região, proporcionando um espaço para a expressão de narrativas, experiências e subjetividades que, por muito tempo, estiveram à margem da produção literária dominante. Ao abordar questões que atravessam a vida na Amazônia, essa literatura não apenas documenta realidades e memórias, mas também estimula reflexões sobre as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam essa região tão singular do Brasil. Assim, ao tratar da literatura amazônica, o foco deve estar na riqueza e diversidade de suas representações, reconhecendo-a como um espaço de discussão e afirmação da cultura amazônica no cenário literário mais amplo.

LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A literatura é uma ferramenta essencial no processo educativo, especialmente no Ensino Fundamental I, período em que as crianças estão em fase de formação de sua identidade e construção de valores culturais. Para além do entretenimento, a literatura proporciona o desenvolvimento do pensamento crítico, a ampliação da visão de mundo e a valorização das raízes culturais de um povo. No contexto amazônico, a literatura regional assume um papel ainda mais significativo, pois conecta os alunos à sua realidade, e faz com que eles se reconheçam enquanto seres sociais inseridos em um dado contexto promovendo o reconhecimento da cultura local e fortalecendo o sentimento de pertencer a um meio.

A literatura, para ser trabalhada com o intuito de desenvolver processos críticos deve levar em consideração seu papel social conforme pontua Cosson

(2016). Para o autor é importante que a escola desenvolva nos alunos a capacidade de compreender, interpretar e apreciar a literatura, promovendo um envolvimento com os textos, e para isso ela deve se opor à visão tradicional, que muitas vezes trata a literatura apenas como um conteúdo a ser memorizado. Nas palavras do autor é por meio do texto literário que:

Encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a leitura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (Cosson, 2016, p. 17).

Nas palavras de Cosson vemos o poder transformador da literatura bem como a sua capacidade de formar leitores críticos.

No entanto, conforme pontuado pelo próprio autor a literatura não deve ser usada no contexto escolar como pretexto para se trabalhar conteúdos isolados, trata-se de uma arte, o que é evidenciado por Cândido (2004), e por isso ela é necessária, conforme aponta:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo [...] parece corresponder a **uma necessidade universal**, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, 2004, p. 175, grifo nosso).

Ainda no viés da necessidade, cabe destacar a importância da escola no atendimento de um ensino que seja contextualizado com a realidade do aluno em todas as etapas e modalidades, tornando o processo de ensino e aprendizagem algo dialógico, o que é defendido por Paulo Freire (1987). O autor argumenta que a educação dialógica, deve partir da realidade do aluno, permitindo que ele se reconheça no conteúdo trabalhado. Dessa forma, a literatura amazônica pode ser vista como um caminho possível e acessível, por apresentar elementos do contexto social e cultural do aluno, aproximando-os da região, aproximando os de sua identidade real, “[...] em outras palavras, ensinar literatura é ensinar por meio do conhecimento sobre as obras literárias como nos constituímos e aquilo que nos define culturalmente como nação” (Cosson, 2020, p. 46).

Nesse viés ensinar literatura é ensinar com vista a formação de um leitor literário que esteja ciente do objeto lido, que faça a leitura por prazer, mas também com um propósito. De acordo com Rouxel (2013):

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico– capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção

[...]. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra (Rouxel, 2013, p. 20).

É, portanto formar leitores críticos e engajados em questões sociais, compreendendo o seu contexto social por meio de textos literários. E para que isso seja possível a escola precisa estimular um processo de leitura que tenha caráter profundo. O aluno deve se aprofundar no universo dos textos e vivenciar o que é descrito, nessa perspectiva o ato de ler vai além da decodificação das palavras ou da junção das letras, trata-se de da leitura enquanto diálogo, conforme aponta Cosson (2011):

Ler enquanto diálogo é sempre uma conversa com a experiência dos outros. Nesse sentido, ler é participar de uma conversa em que o leitor se encontra com o outro e trava relações com ele. Essas relações mesmo quando próximas no tempo ou no espaço são mediadas por três objetos que são os objetos de leitura. [...] Texto e contexto são permeados, ainda, pelo intertexto, que é a tradução da experiência da leitura de outros textos. A rigor, o processo de leitura é sempre a leitura desses três objetos simultaneamente. Quando lemos, sempre lemos o texto, o contexto e o intertexto, podendo cada um desses objetos receber maior ou menor atenção do leitor (Cosson, 2011, p. 3-4).

A escola, enquanto agência de letramento pode estimular o gosto pela leitura literária e para isso há algumas sequências de ensino que são defendidas por Cosson (2011), essa sequência parte da motivação, ou seja apresentação do texto a fim de criar interesse no aluno, a introdução que é a apresentação da obra, do autor, a leitura e a interpretação que trata-se de diferentes abordagens do texto e por fim a criação de forma que incentive o processo autoral, criativo e crítico do aluno.

[...] Em síntese, desde que obedeça ao princípio do prazer, a escola pode mediar a leitura literária, seja na forma mais direta, como acontece nos anos iniciais com a passagem da oralidade para a escrita; seja de forma indireta, quando disponibiliza para os alunos um acervo diverso de textos literários a que eles de outra forma não teriam acesso ou desconheceriam, incluindo aqui; obviamente, os textos canônicos ou de alto valor estético” (Cosson, 2020, p. 135).

Além de formar leitores críticos a literatura é uma necessidade e um direito, conforme defende Antônio Candido (1995). Segundo autor a literatura é um direito porque contribui para a formação da subjetividade e da consciência crítica. A privação da literatura equivale à negação de uma experiência que faz parte do desenvolvimento pleno do indivíduo. Nas palavras do autor:

[...]a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da

ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Cândido, 1995, p.113).

No caso da literatura amazônica, essa ideia se torna ainda mais relevante, pois muitas vezes a cultura local é marginalizada em materiais didáticos e currículos escolares, ou trabalhada de forma minimalista e fragmentada. Inserir a literatura amazônica no Ensino Fundamental I significa garantir às crianças o direito de conhecer e valorizar suas próprias origens e de fortalecer a sua identidade, pois a literatura na escola é “um instrumento poderoso de instrução e educação” (Candido, 1995, p. 113).

Outro aspecto fundamental da literatura na educação básica é seu potencial para preservar e transmitir os saberes tradicionais. A Amazônia é um território rico em narrativas orais, lendas e histórias passadas de geração em geração, que carregam ensinamentos sobre a relação entre o homem e a natureza, o respeito aos mais velhos e a importância da coletividade, a abordagem dessas narrativas dentro de um contexto escolar pelos educadores incentivam a leitura e é capaz de promover a valorização do patrimônio cultural local.

Ao considerar que a leitura literária é transmitida como arte e não como pretexto para conteúdos gramaticais ou demais conteúdos os alunos são expostos a leitura prazerosa e sem cobrança. Paulino e Cosson (2009) defende que:

As crianças parecem ser mais felizes no processamento escolar e familiar em sua relação com a literatura, quando nem sabem o que é isso e apenas se entregam aos prazeres rítmicos de poemas, aos suspenses de tramas às vezes milenares que lhes chegam, sem cobranças, e à invenção de palavras que misturam sons e sentidos mal compreendidos, sem “atividades” pedagógicas, na educação infantil (Paulino; Cosson, 2009, p. 73).

A literatura amazônica também possibilita a construção de conexões entre o conhecimento tradicional e o conhecimento acadêmico/escolar. Por meio das histórias, os alunos podem compreender melhor diferentes temas, inclusive as suas origens, a influência dos povos indígenas e ribeirinhos na formação da cultura amazônica. O ensino, assim, não se restringe à transmissão de informações, mas se torna um processo vivo, criativo e contínuo, que dialoga com a realidade dos estudantes e os incentiva a refletir sobre sua identidade e seu papel na sociedade. A escola, nesse sentido extrapola o seu caráter tradicional, visto que “na escola tradicional, não há lugar para a fala e o diálogo, preocupada que está com a reprodução do conhecimento e o estabelecimento da disciplina, via silenciamento da voz do aluno. Não é também o lugar de aprender para a/na vida (Oliveira, 2008, p. 95).

Portanto, a literatura na educação básica deve ser pensada não apenas como um meio de desenvolver habilidades de leitura, escrita, gramática, mas como um meio para a construção da identidade cultural dos alunos. No contexto amazônico, sua presença nas escolas se torna ainda mais relevante, pois possibilita

que as crianças reconheçam e valorizem sua própria história, fortalecendo seu pertencimento e seu vínculo com a região e nesse sentido o docente também desempenha um importante papel, pois:

Além de leitor literário, devemos esperar do professor de literatura de qualquer formação que seja um educador. Nesse caso, igualmente, propomos como educador não somente aquele que recebe uma formação pedagógica para atuar na sala de aula ou que se ocupa profissionalmente das questões educacionais, mas também, e sobretudo, aquele que incorpora em seu processo formativo um repertório de técnicas e métodos de ensino de literatura. Trata-se, pois, de um educador que sabe localizar o lugar da literatura na escola e fora dela. Um educador que sabe fazer da literatura tanto um meio de habilitar quanto de empoderar culturalmente o aluno. Um educador, enfim, que sabe responder para que e por que ensina literatura (Cosson, 2013, p. 21).

Entendemos, portanto que a literatura, quando trabalhada de forma dialógica, levado em consideração o contexto sociocultural do aluno pode contribuir significativamente para a formação de indivíduos mais críticos, conscientes e conectados às suas raízes culturais, fazendo com que cada aluno/leitor literário ao terminar um livro sinta-se conforme preconiza Cosson (2016) “tocados pela verdade do mundo” que eles sejam capazes de “conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro os afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras na memória”, visto que “na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente (Cosson, 2016, p. 65-66).

A LITERATURA AMAZÔNICA E A IDENTIDADE CULTURAL

A literatura sempre desempenhou um papel importante na construção das identidades culturais, Moriz (2012) afirma que “literatura é ideologia, é expressão de pensamentos e a representação escrita e oral da cultura de um povo”. Na região amazônica, a literatura assume contornos essenciais, dada a diversidade étnica, linguística e ambiental que caracteriza o território. A literatura produzida sobre a Amazônia não apenas registra as memórias e narrativas das populações locais, mas também funciona como uma forma de resistência simbólica diante dos processos históricos de silenciamento, marginalização e apagamento cultural. No contexto da formação das crianças, a literatura amazônica surge como uma ferramenta potente de fortalecimento da identidade, permitindo que os alunos se reconheçam nos textos e valorizem os saberes e as experiências da sua comunidade.

A primeira contribuição da literatura amazônica para a identidade cultural infantil está no campo da representação. Conforme aponta Antonio Candido (2006), o direito à literatura é também o direito ao reconhecimento. Quando uma criança encontra nos livros personagens, espaços e linguagens que dialogam com sua realidade, ela se sente parte do mundo da cultura, da escola e da sociedade. Isso é

fundamental para o fortalecimento da autoestima e da consciência de pertencimento. Nesse sentido, a literatura amazônica, ao tematizar a vida ribeirinha, os saberes tradicionais, a relação com a floresta e os conflitos socioterritoriais, torna-se uma linguagem que fala ao cotidiano das crianças da região.

A educação formal, por muito tempo, ignorou as narrativas locais, privilegiando modelos culturais externos, muitas vezes eurocêntricos e urbanos. Esse distanciamento entre conteúdo escolar e experiência vivida contribuiu para a desvalorização das culturas regionais, sobretudo nos territórios da floresta. Ao incluir a literatura amazônica nos currículos escolares, é possível romper com essa lógica e promover um ensino mais contextualizado, sensível à diversidade e respeitoso com os saberes locais. Autores como Eliane Potiguara, Thiago de Mello, Márcio Souza, João de Jesus Paes Loureiro, entre outros, contribuem para essa tarefa ao construir obras que celebram o modo de vida amazônico e denunciam as violências impostas à região.

A leitura de textos literários amazônicos possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica do mundo desde a infância. Como afirma Paulo Freire (2019, p. 43), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ao reconhecer na literatura elementos que fazem parte de seu cotidiano, a criança é incentivada a problematizar sua realidade, a perceber as relações de poder presentes em sua comunidade e a desenvolver formas de resistência cultural. Essa dimensão crítica é fundamental para a formação de sujeitos autônomos e conscientes, capazes de valorizar seu lugar de origem e de interagir com outras culturas de maneira dialógica e respeitosa.

Outra contribuição relevante da literatura para o fortalecimento da identidade cultural está no seu caráter simbólico. Segundo Paul Ricoeur (2009), os textos literários não apenas representam o mundo, mas também o refiguram. Por meio das narrativas, das imagens poéticas e das estruturas ficcionais, a literatura cria um espaço de mediação entre a experiência individual e a memória coletiva. Ao explorar mitos, lendas, festas tradicionais, expressões linguísticas locais e cosmovisões dos povos originários e ribeirinhos, a literatura amazônica cumpre um papel de preservação e atualização cultural.

Nesse sentido, a escola tem um papel estratégico ao criar espaços para a leitura, discussão e produção literária com as crianças. A inserção de textos amazônicos no cotidiano escolar não deve se limitar à leitura tênue ou à ilustração de conteúdos didáticos. Pelo contrário, esses textos devem ser tratados como arte, como experiência sensível e como campo de saber. A literatura permite que as crianças não apenas leiam o mundo, mas também se leiam como sujeitos históricos e culturais.

Ademais, a abordagem da literatura amazônica nas escolas contribui para o reconhecimento e a valorização dos saberes locais. Isso significa reconhecer que a cultura não está apenas nos livros didáticos oficiais, mas também nas narrativas orais, nas cantigas, nas festas populares, nas práticas de pesca, de cultivo, de cura e de convivência com o meio ambiente. Ao utilizar textos que dialogam com essas práticas, o professor estabelece uma ponte entre o conhecimento escolar e os saberes da comunidade, criando uma experiência educativa integradora e contextualizada.

Nesse processo, o protagonismo da criança também é estimulado. A literatura, ao abrir espaço para a imaginação e para a subjetividade, convida o aluno a se expressar, a contar suas histórias, a escrever seus mundos. A escola torna-se, assim, lugar de escuta e de criação, em que o conhecimento é construído com base no diálogo entre diferentes saberes. Como afirmam Andrade, Gil e Balestra (2018), é preciso “reconhecer o aluno como sujeito produtor de cultura, e não apenas como receptor de conteúdos”.

Portanto, a literatura amazônica é uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da identidade cultural das crianças e para a valorização dos saberes locais. Sua inserção no contexto escolar requer um compromisso pedagógico com a diversidade, a equidade e a escuta sensível. Mais do que trabalhar com textos sobre a Amazônia, trata-se de construir uma educação feita com e a partir da Amazônia, na qual a literatura seja ponte, espelho e horizonte.

Essa perspectiva não apenas fortalece o sentido de pertencimento das crianças, mas também contribui para a formação de uma consciência ambiental, histórica e cultural, essencial para o enfrentamento das desigualdades e para a construção de um futuro mais justo e plural. É por meio da palavra literária que as vozes da floresta continuam ecoando, ensinando e transformando o mundo desde a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo evidencia que a literatura amazônica, quando incorporada de modo intencional e crítico ao contexto do Ensino Fundamental I, configura-se como um meio pedagógico de formação cultural, estética e cidadã. Ao promover o encontro entre texto, sujeito e território, ela possibilita às crianças não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas, sobretudo, a construção de uma consciência identitária enraizada em seu meio sociocultural. Nesse sentido, a literatura deixa de ser um mero instrumento auxiliar da alfabetização para se tornar um espaço de fruição, reflexão e emancipação — conforme preconizam Candido (1995), Zilberman (2012) e Cosson (2006, 2016, 2020).

Constatou-se que o trabalho com a literatura amazônica na escola deve articular a dimensão estética à dimensão formativa, rompendo com práticas conteudistas que reduzem a leitura a um exercício técnico. Tal perspectiva implica compreender o texto literário como arte e linguagem de mundo, capaz de instaurar o diálogo entre a experiência individual do aluno e a memória coletiva de sua comunidade. Ao representar a floresta, os rios, as lendas e os modos de vida da região, a literatura amazônica se afirma como território simbólico de resistência e preservação cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o reconhecimento da diversidade.

A presença dessa literatura nos currículos escolares também concretiza o direito à literatura, na acepção de Antonio Candido, ao assegurar às crianças o acesso a produções que as representem e as insiram no universo cultural de forma

equitativa. Pensando assim, o ensino literário, inspirado nas proposições de Paulo Freire (1987; 2019), deve ser dialógico e libertador, permitindo que a leitura se constitua em ato político de descoberta e transformação da realidade.

Assim, a literatura amazônica, ao ser abordada de modo sistemático e sensível nas escolas, contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, estimulando a imaginação, o senso crítico e o respeito às diferenças. Ela revela-se, portanto, não apenas como conteúdo curricular, mas como prática de humanização — capaz de articular saberes, histórias e identidades, promovendo uma educação comprometida com a valorização da cultura local e com a construção de um Brasil mais plural, justo e consciente de suas raízes.

Em síntese, trabalhar a literatura amazônica no Ensino Fundamental I é reconhecer que a formação do leitor e do cidadão amazônida passa pelo reencontro com sua própria voz — uma voz que ecoa da floresta, dos rios e das memórias coletivas, afirmando a palavra literária como um meio de construir a identidade, a liberdade e a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CANDIDO, A. O Direito a Literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre azul, 1995. p. 169-191.

COSSON, R. **A formação do professor de literatura** – uma reflexão interessada. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; RAMOS, Flávia Brocchetto (Orgs.). *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-27-08-13-9-41-29.pdf>. Acesso em: 30 abr de 2025

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 1.ed., 2ª reimpressão, 2016.

COSSON, R. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2. ed., 6ª reimpressão, 2006.

COSSON, R. **Literatura: Modos de ler na escola**. Palestra. Semana de Letras (11.: 2011: Porto Alegre, RS). O cotidiano das letras: anais [recurso eletrônico] / 11. org. BOCCHESI, Jocelyne [et al.], FALE/PUCRS; coord. Vera Teixeira Aguiar. – **Dados eletrônicos** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. Editora Contexto, 2020.

COUTINHO, A. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

FREIRE, P. **A alfabetização como elemento de formação da cidadania**. 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 25 ed. 2019.

GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade da Amazônia, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 195-211, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://share.google/MhBfORuHubqclm5yB>. Acesso em: 18 set. 2025

HATOUM, M. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MORIZ, N. L. **Literatura Amazonense: reflexões no processo de ensino e aprendizagem do ensino médio das escolas estaduais de Tefé/AM**. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (Masterado en Ciencias de la Educación). Universidad San Carlos. Asunción/PY. Disponível no acervo bibliotecário do CEST/UEA. Tefé/AM, 2012.

NASCIMENTO, Luciana. De cidade, rio e represa. In: LEÃO, Allison. **Amazônia: Literatura e Cultura**. Manaus: UEA Edições, 2012. cap. 7, p. 143-155. ISBN 978-85-7883-202-5.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Projetos, uma prática de letramento no cotidiano do professor de língua materna**. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Ângela (Orgs.). **Letramentos múltiplos: agentes, prática, representações**. Natal: Editora da UFRN, 2008. p. 93-118.

PAULINO, G.; COSSON, R. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escol**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

RICOEUR, P. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições 70, 2009.

ROUXEL, A. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3º ed. 2009.

SOUZA, M. **Galvez, Imperador do Acre**. São Paulo: Marco Zero, 1976.

SOUZA, M. **Mad Maria**. São Paulo: Marco Zero, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Editora Global, 1ª Edição Digital, 2012.